

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Carolina Vilanova Foragi

**POR QUE IR À ESCOLA?**

**Compreendendo a escola na contemporaneidade**

Porto Alegre

1º semestre

2012

Carolina Vilanova Foragi

## **POR QUE IR À ESCOLA?**

### **Compreendendo a escola na contemporaneidade**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Roseli Inês Hickmann

Porto Alegre

1º semestre

2012

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

... a Deus que me concedeu tantas graças, uma delas ingressar na UFRGS, e que certamente esteve ao meu lado em todos os momentos ao longo desta caminhada, iluminando meus caminhos para que eu pudesse concluir mais esta etapa da minha vida.

... aos meus amados pais, José e Silvia, pelos seus ensinamentos e sua dedicação à mim, pelos investimentos em meus estudos e por todo o apoio e incentivo ao longo desta trajetória.

... ao meu namorado, Éder, que me acompanhou ao longo deste 4 anos de graduação, pela paciência e compreensão; mostrou-se sempre disposto, me incentivando e auxiliando quando necessário, de perto ou de longe.

... à minha orientadora Professora Dra. Roseli Inês Hickmann, por aceitar orientar este estudo e conduzir seu desenvolvimento sempre com disposição, incentivo e dedicação, sendo fundamental para a finalização deste trabalho. Muito brigada!

... à escola na qual trabalhei e onde foi realizado este estudo, que sempre me auxiliou quando necessitei ao longo do curso. Agradeço ainda às colegas e amigas Patrícia e Aline que se mostraram receptivas e dispostas para me auxiliar na conclusão deste trabalho; pelas conversas e partilhas sobre a docência.

... às colegas da graduação, em especial à Simone, que foram minhas companheiras durante esta caminhada, com quem dividi muitos momentos de alegria e angústia.

... aos meus amigos, que permaneceram comigo durante esta caminhada, sempre me incentivando.

... à UFRGS e aos demais professores do curso que contribuíram para minha formação.

## RESUMO

O presente trabalho aborda uma pesquisa realizada numa escola pública municipal situada em Alvorada/RS, e teve como objetivo identificar as percepções de pais, alunos e professoras sobre a escola na contemporaneidade. Os dados foram obtidos através de questionários com pais, professoras e alunos do 5º ano e de conversas gravadas com alunos do 1º ano. A problematização dos dados contou com o aporte teórico de autores como B. Charlot, J. Dayrell e M. L. Xavier. Com relação ao pensamento dos pais, foi possível perceber a valorização da instituição escolar como um espaço tanto de aprendizagens dos conhecimentos sistematizados, quanto um local de socialização e de continuidade dos ensinamentos iniciados na família. Também apareceu a ideia da escola ser fundamental para uma futura inserção no mundo do trabalho, no sentido de que sejam “alguém na vida”. Quanto aos alunos de 1º e 5º ano, percebeu-se um reconhecimento da relevância da escola como um espaço em que se vai para aprender. Enquanto os alunos do 1º ano expressaram o seu gosto pela escola e por aprender os conteúdos escolares, os alunos do 5º ano manifestaram a sua preferência por atividades realizadas fora da sala de aula, afirmando o lugar da escola como um espaço sociocultural. Para as professoras, a escola encontra-se atravessada por tensões e dilemas com relação aos seus propósitos, que se complexificaram diante das demandas da sociedade atual.

**Palavras-chave:** contemporaneidade – escola – comunidade escolar

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>                                     | <b>6</b>  |
| <b>3 PROBLEMATIZAÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>4 METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>  | <b>10</b> |
| 5.1 A escola entre tempos sólidos e líquidos .....                                  | 14        |
| 5.2 Escola em descompasso.....  | 16        |
| <b>6 A ESCOLA PELO OLHAR DE SEUS PROTAGONISTAS.....</b>                             | <b>22</b> |
| <b>6.1 O olhar dos Pais: “Imagine o mundo que vivemos sem educação?” .....</b>      | <b>22</b> |
| 6.1.1 Escola como espaço de socialização .....                                      | 23        |
| 6.1.2 Escola como um espaço de preparação para o futuro .....                       | 27        |
| <b>6.2 O olhar dos Alunos do 1º e 5º ano: estudar, brincar ou socializar? .....</b> | <b>32</b> |
| <b>6.3 O olhar dos Professores: O desafio da docência.....</b>                      | <b>40</b> |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>45</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>47</b> |
| <b>APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS PAIS.....</b>                    | <b>49</b> |
| <b>APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS PROFESSORAS ..</b>                | <b>50</b> |
| <b>APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.....</b>                      | <b>51</b> |
| <b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO/PROFESSORAS .....</b>                 | <b>52</b> |
| <b>ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO/PAIS .....</b>                        | <b>53</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Por que ir à escola? Compreendendo a escola na contemporaneidade.

Como o próprio título do trabalho já apresenta, a temática deste estudo visa refletir e problematizar a escola contemporânea, analisando o pensamento de pais, alunos e professores referentes a uma escola pública municipal.

Com o intuito de encontrar meios e possibilidades para pensar sobre a escola contemporânea, escolhi realizar uma pesquisa na escola na qual sou professora, no município de Alvorada/RS, desde 2007, para assim analisar as representações e as perspectivas de pais, alunos e professores (situadas em um determinado tempo e espaço) a respeito da escola na contemporaneidade.

A pesquisa foi realizada com duas turmas do turno da tarde de uma escola pública municipal, de diferentes níveis, com alunos do 5º ano e do 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, ambas as turmas do turno da tarde, assim como com seus respectivos pais e professoras. Para os pais foi enviado um questionário para ser respondido em casa e retornarem à escola, para os alunos do 5º ano também foi utilizado um questionário, porém, em forma de HQ (histórias em quadrinho). Já na turma de 1º ano, foram utilizadas “conversas amáveis”, sobre a opinião dos alunos referente à escola, registradas através de gravação.

## 2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO

A escola, na atualidade, ainda é um espaço de suma importância para todos que se envolvem com o campo da educação, pois é um local em que passamos anos de nossas vidas e que interfere diretamente em nossa constituição como indivíduos. Durante meus estudos no curso de Pedagogia, pude participar de inúmeras discussões e reflexões sobre a relevância da escola, que me instigaram a pesquisar mais profundamente tal temática.

Tais estudos, aliados à minha experiência como professora na rede municipal de ensino de Alvorada/RS, suscitaram alguns questionamentos e me instigaram a refletir sobre qual o lugar e importância da escola nos dias atuais, principalmente para a comunidade com a qual trabalho diariamente.

A escola na qual sou professora situa-se distante do centro do município de Alvorada. Localiza-se em uma zona mais rural, atendendo diversos bairros, alguns muito pobres, em que os alunos encontram-se expostos a situações de vulnerabilidade social<sup>1</sup>, assim como afetados por diversos efeitos das drogas.

No grupo de professoras discutimos muito, na maioria das vezes em conversas informais, o interesse dos alunos pela escola, que aparentemente parece ser menor que em outras épocas, principalmente em relação à aprendizagem e ao conhecimento, articulando-se ao pensamento de Xavier (2008, p. 18) quando lembra que há uma “dificuldade da escola em se apresentar como uma instituição interessante e significativa”.

Além do interesse dos alunos pela escola, discutimos também o interesse da própria família pelos seus filhos, considerando os problemas da sociedade atual. Alguns pais constantemente estão na escola empenhados em acompanhar seus filhos, enquanto outros as professoras nem conhecem, pois nem mesmo buscam as avaliações dos filhos a cada trimestre, tendo ainda aqueles que chegam à escola e não sabem ao menos a sala, o ano ou a professora de seus filhos.

---

<sup>1</sup> Entendida aqui conforme explica ABRAMOVAY (2002, P. 29), como “o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (Vignoli, 2001; Figueira, 2001)”.

Apesar destas situações, perceber-se que o interesse de pais e alunos pela escola está também ligado ao trabalho docente desenvolvido pelos professores. Tal prática pedagógica caracteriza-se por ser motivadora e por incentivar os alunos a desejarem estar na escola. Nesse sentido Charlot (2000) nos chama a atenção ao frisar a importância da escola fazer algum sentido para suas vidas e, desta forma, fazer com que se mobilizarem a frequentá-la.

### 3 PROBLEMATIZAÇÃO

Proponho-me então, com esta investigação a compreender os motivos que levam os alunos a frequentarem a escola na contemporaneidade, assim como o sentido e a importância deste ambiente, e tudo que ele representa para pais, alunos e professores. Enfim, qual o significado e relevância da escola na contemporaneidade? Recorro as palavras de Xavier (2008, p. 17) que de certa forma propõe uma reflexão semelhante quando fala sobre a necessidade da “retomada de uma discussão mais ampla sobre os propósitos desejados e as condições de funcionamento da Educação Básica no momento contemporâneo” e sobre as “funções de tal etapa de escolarização das crianças e jovens no início deste século XXI”.

Desta forma, o estudo torna-se relevante, pois tem a intenção de identificar os sentidos atribuídos à escola, de acordo com a visão dos sujeitos envolvidos com a pesquisa. Tal estudo oportuniza apontar possibilidades de se construir uma escola contemporânea que atenda às necessidades de seu tempo, que desperte o interesse dos alunos pelo conhecimento, que integre os pais e a comunidade no processo escolar das crianças, que mostre aos professores a importância do seu trabalho na formação de seus alunos, que vai além do conhecimento, pois faz parte da constituição destes como indivíduos, como responsáveis pela sociedade em que vivemos.

E assim, pensando sobre a relevância da escola na contemporaneidade, é necessário se indagar e repensar, como propõe Xavier (2008, p. 23), sobre “que saberes, que habilidades, que posturas, precisam uma criança, um adolescente, um jovem” ao final de cada ciclo da Educação Básica “para ser um indivíduo, um cidadão, bem informado, bem formado, educado, competente, solidário, social, feliz”.

O presente estudo visa de certa forma contribuir para pensar esta escola que cotidianamente está presente em nossas vidas, inclusive com suas dificuldades, dilemas e impossibilidades de tornar viável sua existência, através de sua reinvenção e sintonia com os tempos atuais.

## **Objetivos**

Assim, destaco alguns dos principais objetivos deste projeto:

- Investigar qual o lugar, o significado e a importância da escola na contemporaneidade de acordo com as percepções de pais, alunos e professores.
- Identificar quais as expectativas de pais e alunos sobre a escola na contemporaneidade.
- Compreender por que os pais enviam seus filhos à escola, além da obrigatoriedade da lei.
- Problematizar o lugar da escola na contemporaneidade.
- Analisar a visão da escola atual por parte dos professores.
- Refletir sobre a escola na atualidade, buscando identificar de que forma ela tem respondido ou não às necessidades da sociedade contemporânea.

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

A construção dos dados deste estudo foi realizada em uma escola do município de Alvorada/RS no período de março a junho de 2012. Caracteriza-se por um estudo de caso de cunho etnográfico, pois analisa a visão de pais, alunos e professores em uma determinada escola, dentro de uma realidade social específica do município e do bairro onde a escola encontra-se localizada.

O estudo de caso, de acordo com a análise de Sarmiento (2003, p. 137),

[...] pode definir-se como 'o exame de um fenômeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou um grupo social' (Merriam, 1988, p.9) ou, então, como 'uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são absolutamente evidentes' (Yin, 1994, p.13).

Um estudo de caso é delimitado, específico, e mesmo que seja semelhante a outros, ele é singular, já que busca estudar seu objeto levando em conta seu contexto e as múltiplas dimensões que o circundam, analisando as diversas perspectivas entorno do objeto, de forma a compreender esta instância singular no qual o objeto de estudo encontra-se inserido (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

A escola pesquisada é, também, meu local de trabalho há alguns anos. Assim, esta inserção e vivência no cotidiano escolar e as relações que estabeleci com pais alunos e professores, me instigaram a querer analisar o significado da escola na contemporaneidade. Desta forma, este estudo surgiu a partir de minha experiência como professora e tudo que vi e vivi ao longo destes anos de trabalho.

Acredito que pesquisar o meu ambiente de trabalho é bastante desafiador, assim como meu envolvimento e ligação com este lugar/espço e tempo, bem como com os sujeitos da pesquisa. Tais características propiciam uma maior aproximação com os sujeitos pesquisados. Igualmente, o estudo e seus resultados poderão auxiliar diretamente em minha atuação como docente naquela comunidade, pois estaremos mais próximos e sintonizados com o pensamento da comunidade em relação à escola.

Considerando a minha ligação com o contexto da pesquisa, o estudo também se encontra pautado sobre o princípio da reflexibilidade, proposto por Boaventura Santos (1989, p. 87):

A ciência torna-se reflexiva sempre que a relação 'normal' sujeito-objeto é suspensa e, em seu lugar, o sujeito epistêmico analisa a relação consigo próprio, enquanto sujeito empírico, com os instrumentos científicos de que se serve, com a comunidade científica em que se integra e, em última instância, com a sociedade nacional de que é membro.

Utilizo este princípio, pois não há como não levar em conta meu envolvimento com o objeto de estudo, já que a pesquisa surgiu justamente a partir de minhas vivências e experiências nesta escola, em que agora, além de professora, assumo o papel de pesquisadora. Mesmo com o afastamento necessário, não há como negar que somos parte e agimos no mundo social no qual somos pesquisadores, e que temos que ser capazes de refletir sobre nós mesmos e nossas ações neste mundo social, conforme o pensamento de Sarmiento (2003).

Faz-se necessário salientar que as ferramentas de análise como conversas, observações, diário de campo, são de cunho etnográfico, já que a “etnografia impõe [...] uma orientação do olhar investigativo para símbolos, as interpretações, as crenças e valores que integram a vertente cultural [...] das dinâmicas da ação que ocorrem nos contextos escolares”. (SARMENTO, 2003, p.152).

Ainda, de acordo com Sarmiento (2003), o que distingue a etnografia de outros tipos de investigação não é o método, mas a perspectiva, a orientação e o enfoque que ela proporciona à pesquisa, já que busca analisar e investigar de forma mais aprofundada o objeto de pesquisa escolhido. Quando este objeto é a escola e os sujeitos que a constituem, o estudo etnográfico encaixa-se perfeitamente, pois “a etnografia visa aprender a vida, tal qual ela é quotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação”. (SARMENTO, 2003, p.153)

Quero ainda destacar a importância da investigação etnográfica nas escolas, já que,

[...] pode constituir-se no dispositivo de mudança das práticas, nomeadamente porque, ao incidir sobre as representações e interpretações da ação pedagógica e organizacional, favorece a apropriação pelos(as)

professores(as) e pelos outros membros da organização escolar dos sentidos de ação, permitindo a promoção de formas de intervenção mais reflexivas e críticas. (SARMENTO, 2003, p.154)

Não é intenção desta pesquisa, de matizes etnográficas, apontar soluções para as dificuldades da escola, mas talvez oferecer possibilidades reflexivas no sentido de apontar alguns caminhos pelos quais se possa construir alternativas para as práticas escolares e, desta forma, contribuir para mudanças na instituição escolar. Vale lembrar que a pesquisa etnográfica possibilita analisar a interpretações dos atores sociais envolvidos e constituintes da escola, a fim de que estas informações possam auxiliar na reflexão sobre novas práticas escolares, para que a escola esteja mais sintonizada com o nosso tempo.

Para coleta de dados com os pais, professores e alunos optei pelo uso do questionário, “que tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc” (GIL, 1995, p. 128). Sabendo da dificuldade dos pais em comparecerem à escola, penso que o questionário seja uma boa opção para o levantamento das informações necessárias, já que segundo Gil (1995, p.129) ele “permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente”, sem que os pais precisem se deslocarem até a escola, além de que o questionário “garante o anonimato das respostas, não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspectos pessoal do entrevistado” (GIL, 1995, p. 129).

Apesar de a entrevista ser um instrumento de pesquisa bastante rico, optei por não utilizá-lo formalmente, justamente pelo meu conhecimento e proximidade com os sujeitos pesquisados, sendo que isso poderia influenciar a opinião e as respostas destes sujeitos. O questionário deixa os indivíduos livres para refletirem e escreverem sobre o tema pesquisado de forma mais tranquila, sem a ansiedade que uma entrevista provoca pelo “cara a cara” do entrevistado com o entrevistador.

Para os alunos da turma de 5º ano, o questionário foi feito em forma de HQ (história em quadrinhos), a fim de tirar um pouco da formalidade do instrumento, até da ideia de prova/avaliação que poderia remeter aos alunos, e proporcionar um tom mais lúdico, de acordo com a faixa etária destes sujeitos participantes da pesquisa.

Em relação aos alunos do 1º ano, que não escrevem, então não foi possível realizar o questionário, assim optou-se pela conversa informal ou “conversas amáveis”, apoiada nas palavras de Sarmiento, de que

parece-nos que, junto das crianças, as entrevistas mais formalizadas não tem sentido, devendo em seu lugar, ser realizado com mais atenção todo o processo de recolha de informações que decorre da observação e da análise de documentos “reais”, isto é, de textos produzidos com uma finalidade pragmática, bem como as “conversas amáveis”, pelas quais perpassa uma voz autônoma e livre, tão difícil de captar na forma estruturada da entrevista formal. (SARMENTO, 2003, p.163)

Deste modo, através das “conversas amáveis”, os alunos expuseram suas ideias que foram gravadas.

## 5 “CRISE” EDUCACIONAL: PENSANDO A ESCOLA EM TEMPOS DE INCERTEZA

Neste capítulo, proponho uma reflexão a fim de explorar as possíveis causas desta fase turbulenta pela qual a escola atravessa denominada de “crise” da educação.

### 5.1 A escola entre tempos sólidos e líquidos

Para pensar a “crise” escolar que se arrasta há décadas e repensar a escola, é necessário analisar tempos modernos e tempos contemporâneos, o quanto se distanciam e o quanto se misturam.

Com o intuito de problematizar a ideia de “crise” educacional, recorro ao pensamento de Bauman (2001, p. 8) que ao fazer uma metáfora da relação entre líquidos e sólidos, leva-nos a pensar e relacioná-los com a transição e mistura de tempos nos quais vivemos.

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente ao seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro.

A partir do trecho acima, é possível perceber que nossos tempos contemporâneos são tempos líquidos, capazes de se transformarem e se adaptarem a cada momento e a cada lugar, sem permanecerem presos, imutáveis e imóveis. Estamos em tempos de constantes transformações, mudanças e incertezas. O que antes no pareciam certezas absolutas, hoje já não são mais. A cada momento novas

tecnologias e conhecimentos surgem, tornando crenças obsoletas, dando ênfase ao efêmero, fugaz e fluido.

Bauman (2001) situa a modernidade em meio aos sólidos e líquidos, de forma ela tinha uma visão da sociedade como estagnada, congelada e resistente de mais aos novos tempos. Assim, a modernidade queria derreter os sólidos defeituosos existentes e construir novos sólidos, mas sólidos perfeitos de um mundo novo que pudesse ser administrável.

Porém, o derretimento dos sólidos existentes não possibilitou a construção de sólidos perfeitos e muito menos um novo mundo administrável, mas uma desestabilização das coisas, levando a um tempo em que quase nada é sólido, tudo é líquido e modificável, em que a maioria das coisas já não pode ser administrada. Ou seja, não temos o controle de muitas coisas que pensávamos ter e que almejávamos na modernidade.

Um exemplo disso são as mudanças recentes nos últimos três séculos, onde

[...] tivemos a criação das máquinas e da indústria, que possibilitam ao homem modificar de forma rápida e definitiva o ambiente em que vive. É fácil notar que, a medida que progride a História, mais rápido é o avanço do conhecimento e menor é o tempo de que cada geração dispõe para se adaptar à nova realidade inaugurada por uma revolução tecnológica. (MENDES, 2009, p. 60)

O que antes demorava anos, até séculos, para se modificar e se obterem avanços, pois “os grandes avanços tecnológicos que causavam mudanças nos costumes eram consolidados ao longo de gerações” (MENDES, 2009, p.60), hoje acontecem com uma velocidade surpreendente. Como exemplo disso temos as grandes transformações e avanços a partir do século XVIII, com o surgimento das máquinas, das indústrias, da imprensa, dos automóveis, entre outras coisas.

Pode-se dizer então, que ao mesmo tempo em que os tempos contemporâneos, em que vivemos, estão borbulhando e batendo à nossa porta. Os tempos modernos que ainda trazemos impregnados e arraigados em nós, muitas vezes dificultam esta abertura e compreensão dos tempos contemporâneos, de forma que permanecemos neste paralelo entre dois tempos vividos concomitantemente.

Diante de transformações constantes e tempos de incertezas MENDES (2009, p.62), nos coloca um pergunta e logo nos dá a resposta para pensarmos nos tempos atuais: “Como então podemos fazer planos e imaginar um futuro que nos espera como um véu de novidades tão múltiplo? A resposta parece ser a seguinte: devemos estar prontos para nos adaptar ao novo”.

A palavra adaptar, trazida por Mendes, vai ao encontro da definição colocada por Bauman, que descreve a capacidade de adaptação dos líquidos que não se prendem ao espaço nem ao tempo. Seriam estas as características necessárias a nós nestes tempos contemporâneos?

Também é necessário compreender que sólidos e líquidos encontram-se misturados, pois apesar dos líquidos estarem ganhando espaço, ainda existem sólidos resistentes a eles. Ou seja, talvez tenhamos que pensar na contemporaneidade com suas “novas lógicas” e “fenômenos difusos”, uma mistura de fronteiras (DUSSEL, 2002).

## 5.2 Escola em descompasso

É necessário pensar sobre o que significa esta denominada “crise” educacional, pois a palavra “crise”, de certa forma, nos remete a algo que em algum momento era aparentemente estável e seguro, que de repente entrou em colapso, se desestabilizou e nos deparamos com a crise.

De certo modo, foi isso que aconteceu no início do século XX. Este século “marcou o triunfo decisivo da escolarização, cujo desenvolvimento foi suportado e acompanhado por um conjunto de promessas [...] que associam *escola, razão e progresso*”. (CANÁRIO, 2006, p. 11)

O trecho citado fala em um triunfo da escolarização, o que faz pensar sobre a grande aceitação da instituição escolar na época e a crença de que ela era algo idealmente muito bom. Também permite pensar quais eram os objetivos da escola no século XX. O que ela almejava e quais eram seus propósitos e intenções, porém as esperanças e expectativas em relação à escola não foram correspondidas, o que

acabou levando a um desencanto em relação à instituição escolar, conduzindo o modelo de escola moderna à crise.

Procurando esclarecer qual o sentido atribuído à "crise" apoio-me nas palavras do educador Rui Canário (2006, p. 16) ao considerar que

A escola que temos hoje não corresponde à mesma instituição que marcou a primeira metade do século XX. Durante esse século fomos conhecendo três escolas. A instituição escolar sofreu mutações que podemos sintetizar em uma fórmula breve: a escola passou de um contexto de *certezas*, para um contexto de *promessas*, inserindo-se atualmente, em um contexto de *incertezas*.

Para compreender estas mutações pelas quais a escola passou nos últimos anos, é importante analisar os três contextos citados por Canário (2006):

*Escola das Certezas* – foi a escola do início do século XX, uma escola elitista a que poucos tinham acesso, que buscava formar cidadãos e formar os sujeitos para uma inserção no mercado de trabalho.

*Escola de promessas* – foi a escola pós-segunda Guerra Mundial, em que a escola deixou de ser elitista e tornou-se uma escola de massa, tendo como alguma de suas promessas o desenvolvimento, a igualdade e a mobilidade social. Porém, a democratização da escola mostrou o quanto a escola foi capaz de produzir desigualdades sociais, levando à frustração das pessoas e empurrando a escola para a fase das incertezas.

*Escola das incertezas* – essa fase acentua-se com a desigualdade, o desemprego, com a desvalorização dos certificados escolares, mas principalmente porque a escola perdeu uma de suas características mais marcantes, a de formar "bons" cidadãos, ou ainda, a de cumprir tal promessa para uma determinada sociedade.

Canário, nos diz que a atual "crise" educacional esta articulada a este contexto de incertezas, de desencanto e instabilidade em relação à instituição escolar, como um reflexo do que acontece na sociedade como um todo. Deste modo, pode-se dizer que a escola do século XX era a escola das certezas, a escola do século XXI e a escola das incertezas.

Além de Canário, Arendt (2005), na obra intitulada *Entre o passado e o futuro*, aponta que a denominada “crise” na educação, acabou tornando-se um problema mundial, pois “em toda a parte e em quase toda a esfera da vida se manifesta diversamente em cada país, envolvendo áreas e assumindo formas diversas” (ARENDR, p. 221). Assim, diversos fenômenos sociais contribuíram para a instalação da crise educacional, que na verdade não é somente uma crise da escola, mas uma crise social, que acaba por refletir-se na instituição escolar, já que a escola faz parte da sociedade e trabalha com os sujeitos que constituem a sociedade. Assim, a crise torna-se um problema político, um problema de todos.

É interessante observar que há mais de meio século atrás, Arendt já havia identificado meios por onde se deveria iniciar a busca pela superação da crise da educação, pois já que ela tornou-se um problema político, deveria partir dos próprios governantes, unidos às autoridades educacionais, formas para romper com a crise educacional, mas infelizmente é mais fácil colocar a culpa nas escolas e nos professores. Aliás, como acontece até hoje, tempos em que a crise, sob diferentes perspectivas analíticas, continua por atingir a educação. Continuamos a viver em tempos de incertezas.

A crise não necessariamente deve ser vista como um problema ou algo negativo, pois ela no permite uma reflexão, de modo que

[...] uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDR, 2005, p.223)

Desta forma, a crise surge como uma oportunidade de rever conceitos e a realidade exposta a nós, porém se não aproveitarmos a oportunidade para refletir e para repensar a crise na qual a escola encontra-se, de modo algum se poderá encontrar alternativas para superá-la. Como já foi mencionado anteriormente, a crise vai além dos muros da escola. É também uma crise social, assim a prática de jogarmos a culpa da crise educacional uns para os outros, talvez seja o principal gerador desta crise, pois no momento em que se coloca a culpa no outro, retira-se

de si a responsabilidade pela situação, deixando-se de lado a oportunidade da reflexão oportunizada pela crise.

Talvez, o início do caminho para superar a crise educacional seja o consenso da responsabilidade de diversos setores da sociedade (governo, família, escola, professores) acerca da crise e uma união de esforços, um trabalho em conjunto a fim de superá-la. Neste sentido a proposta do estudo de pensar a escola, a partir do olhar de seus protagonistas, pode contribuir para novas perspectivas analíticas sobre o problema.

Um dado importante a destacar, que está diretamente relacionado ao que diz Arendt, é o fato de que no início do século XX a escola era elitista, somente para sujeitos da alta sociedade, onde somente aqueles com condições financeiras tinham condições de frequentá-la. Canário (2006, p. 17) aponta que esta escola elitista “aparecia como instituição justa, em uma sociedade injusta”, pois se considerava isenta da produção das desigualdades sociais.

Porém, em certo momento, a escola acostumada somente com um tipo de aluno, tornou-se uma escola de massa, com o acesso da população em geral. Com esta ampliação da escola, vieram também todos os problemas sociais dos quais até o momento a escola estava isenta, ou seja, a sociedade “injusta” tornou-se parte da escola, que perdeu seu caráter de instituição “justa”. A escola não estava preparada e nem soube lidar com esta ampliação, em que deixou de ser uma instituição exclusiva para uma pequena porção de sujeitos, mas tornou-se uma instituição social, tendo que dar conta de todas as questões sociais que agora borbulhavam dentro da escola.

Esta mudança na educação gerou uma desestabilização na instituição escolar, pois não estava preparada para lidar com os problemas, coma diversidade e com as dificuldades sociais, que agora estavam presente no cotidiano escolar. Tais fatores levam a concordar com Arendt (2005), de que realmente a crise na educação é um problema político. Ou seja, problemas sociais antes já existentes, mas que a escola ignorava por atender somente os mais favorecidos, se refletem na escola, e o que talvez fosse uma crise social, torna-se também uma crise educacional. Enfim,

hoje já não importa a classe social, pois a crise está instalada e afeta tanto escolas privadas quanto escolas públicas.

Outro elemento pertinente para se pensar a “crise” educacional atual, refere-se à falta de sentido encontrado pelos alunos na escola. Xavier (2008, p.19) define bem a problemática da escola atual.

Hoje, na escola, estão ricos e pobres, os que acham que a escola tem sentido e os que acham que não tem sentido nenhum, os que estão lá porque a família exige e, ainda, os que vão lá para se encontrar com os amigos, fatores esses que provocam um grande desconforto entre os professores, pois exigem deles posturas para as quais dizem não se acharem preparados.

Tal citação nos fez pensar sobre a presença dos alunos na escola. Os motivos pelos quais a frequentam e as dificuldades enfrentadas por parte dos professores, diante de alunos que não estão em sintonia com os propósitos destes. Em relação aos problemas enfrentados pelos professores, é possível perceber que além dos problemas sociais que adentraram a instituição escolar no século XX, os professores têm de dar conta dos modos de se viver a cultura da infância e da juventude na sociedade e na escola.

São recorrentes as queixas dos professores por não saberem como lidar com os alunos, com problemas de agressividade e outros já citados, pois tem que dar conta de resolvê-los, para que assim possam fazer aquilo que realmente estão na escola: ensinar aos alunos assuntos sobre os quais passaram anos estudando. Pensando sobre este “ensinar” os alunos, o que seria esse “ensinar” e será que a escola é somente para isso, para transmitir uma herança de conhecimentos aos alunos e que a função do professor é somente este papel de transmissor?

Pensando nas queixas e reclamações dos professores em relação aos alunos, tais queixas podem se tornar problemas a partir do olhar que temos para com as crianças e jovens. É necessário estar atento para perceber a sociabilidade e as situações vividas por eles, assim como a fase da vida em que se encontram. Precisam ser acolhidos e compreendidos, para que a escola e os professores também façam a sua parte e modifiquem suas práticas pedagógicas de modo que este aluno possa sentir-se incluído e ativo em seu processo de aprendizagem.

Xavier (2008, p. 19) apresenta em seu artigo<sup>2</sup> o trecho da fala de uma professora americana em um congresso: “O que eu gosto mesmo é de ensinar, de dar aulas. No entanto, eu perco mais de 90% do meu tempo para tentar por ordem na classe, para tentar criar condições para que eu possa fazer o que eu gosto”.

A fala desta professora traduz uma das maiores angústias dos professores que passam anos em uma graduação, preparando-se para sua profissão, para atuar na área por eles escolhida, porém ao chegarem à escola se deparam com situações como essas, em que o que menos fazem é aquilo para o qual se formaram.

Esta fala remete a reflexão para a formação dos professores. Discussão muito presente nos cursos de formação docente, envolvendo problemas e dificuldades da sociedade e da escola contemporânea. Também se encontra o debate sobre a identidade docente, bem como seus dilemas e adversidades, em que o tema do ensino e da aprendizagem soma-se aos problemas já mencionados. Como fazer com os processos de ressignificação de conhecimentos, que envolve saberes escolares e do cotidiano?

Como estudante de Pedagogia, estudamos muito sobre a questão da ressignificação dos conhecimentos e não apenas de sua transmissão, de enxergar o aluno como um todo, sobre o espaço da escola não ser apenas um local de aprendizagem de conhecimentos, mas de socialização e de constituição de indivíduos.

Podemos, então, pensar que professores estão se formando? Somente preocupados em ensinar os conhecimentos sobre os quais passaram anos estudando, sem enxergarem aqueles sujeitos que enchem suas salas de aulas, sem perceber suas necessidades, angústias e anseios, sem levar em contas seus gostos e suas opiniões?

Poderíamos mencionar tais interrogações como sintomas da “crise” educacional, para as quais ainda não temos respostas prontas, mas indícios que analisarei nos desdobramentos desta investigação.

---

<sup>2</sup> Trecho retirado por Xavier do texto do autor Antônio Nóvoa. Vide referência: NÓVOA, Antônio. Íntegra da entrevista com Antônio Nóvoa. Folha de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/educacao/te2406200505.shtml>.

## 6 A ESCOLA PELO OLHAR DE SEUS PROTAGONISTAS

Esta pesquisa desenvolveu-se junto aos pais, alunos e professores de uma escola pública do município de Alvorada/RS. Teve como intenção compreender os pensamentos e as percepções destes sujeitos a respeito da escola na contemporaneidade.

Participaram da pesquisa 18 pais do 1º ano e 8 pais do 5º ano, 25 alunos do 1º ano e 26 alunos do 5º ano e a professora de cada uma das turmas. Assim, a pesquisa contou com a participação total de 26 pais, 2 professoras e 51 alunos. A coleta de dados na turma de 5º ano viabilizou-se através de questionários, elaborados nos moldes de Histórias em Quadrinhos, e somente com a turma do 1º ano foram “conversas amáveis” sobre a escola, registradas com gravações.

Foi possível perceber aproximações nas falas dos pais e dos alunos em relação à escola, que tem como função uma preparação para o futuro, formando os sujeitos para ser “alguém na vida”, termo bastante usado pelos dois grupos. Também apareceram distanciamentos, como em relação ao pensamento das crianças que destacam que vão à escola, não apenas pelos conteúdos ou a formação para ser alguém na vida, mas a convivência, as brincadeiras e os amigos.

A fala das professoras apresenta uma visão da escola atravessa por dilemas, vivendo um momento de “crise”, de transformações, mas que mesmo em meio a esta escola em crise buscam realizar uma prática pedagógica diferenciada em suas salas de aula.

### 6.1 O olhar dos Pais: “Imagine o mundo que vivemos sem educação?”<sup>3</sup>

A partir da interrogação de uma das mães, passo a abordar o significado da escola sob a perspectiva dos pais.

---

<sup>3</sup> Fala da MÃE 4.

### 6.1.1 Escola como espaço de socialização

No que se refere à importância e ao que se aprende na escola, inúmeras vezes apareceram nas escritas dos pais referências à escola como um lugar de convivência e de socialização, no qual as crianças têm aprendizagens fundamentais para a vida social, além da aprendizagem dos conhecimentos sistematizados. Juarez Dayrell (1996, p.136) contribui para pensar a escola neste sentido, denominando-a de “espaço sócio-cultural”. São aprendizagens sociais, culturais e subjetivas, que ocorrem independente dos objetivos explícitos nos currículos escolares.

Nos trechos abaixo, é possível perceber quais aprendizagens os pais esperam que o ambiente escolar propicie.

**MÃE 3:** *Na escola se desenvolve o conhecimento, se aprende a ter noções de cidadania e respeito. [...] aprende-se a ser seres humanos, a ter respeito pelo próximo. [...] conviver e respeitar as pessoas do jeito que elas são.*

**MÃE 5:** *Aprendemos a ter limites, regras, respeito pelas pessoas e o mais importante, como somos e a ter sonhos.*

Mesmo com a ênfase expressa pelos pais, referentes à aprendizagem da leitura e escrita, sobre os conhecimentos sistematizados e sobre a preparação para um futuro profissional, fica claro que existem outras aprendizagens no ambiente escolar e que, de certa forma, os pais esperam que elas aconteçam na escola, como o “convívio com crianças e a aprendizagem da responsabilidade”, conforme a MÃE 4. Ou seja, mesmo algumas destas aprendizagens não estarem explícitas nos currículos escolares, elas estão presentes e acontecem no cotidiano escolar e são fundamentais para nossa vida como sujeitos socioculturais.

Xavier (2008, p. 20) afirma que “a escola precisa alargar seu papel como espaço só de transmissão de conhecimentos, mas também como um local de socialização [...]”, desta forma é claro que a posição da escola é bem mais ampla do que ensinar aos alunos os conhecimentos sistematizados. Outras possibilidades na

constituição dos indivíduos sociais são atribuídas à escola, com noções de cidadania e respeito.

Sirvo-me das palavras de Dayrell (2006, p. 150) para melhor compreender como estas aprendizagens acontecem no ambiente escolar.

[...] o cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de ideias, confronto de valores e visões de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. Ao mesmo tempo, é (mas poderia ser muito mais) um momento de aprendizagem de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e a transgressão.

As aprendizagens citadas pelos pais e por Dayrell acontecem constantemente no ambiente escolar, sem ter um momento e espaço específico, elas acontecem por todos os lados em todos os momentos, sem nos darmos conta. São aprendizagens que vão nos constituindo como sujeitos e como pessoas, fundamentais à nossa vida em sociedade.

Desta forma, pode-se dizer que os pais esperam que a escola ensine mais que conteúdos e conhecimentos, mas que ensine valores e que transforme seus filhos em bons cidadãos, até porque estas também são atributos necessários àqueles que desejam ser “alguém na vida”.

Nesse sentido, a educação e a escola possibilitam a socialização dos sujeitos. Ou seja, de humanização (GÓMEZ, 1998), pois assim que nascemos já estamos inseridos em uma sociedade, na qual vamos sendo educados, de acordo com a cultura e concepções do local em que vivemos. Assim, a educação e os saberes socioculturais vão nos ensinando a conviver em sociedade. Gómez (1998, p. 13) lembra que

[...] aquisições adaptativas da espécie às peculiaridades do meio não se fixam biologicamente nem se transmitem através da herança genética, os grupos humanos põem em andamento mecanismos e sistemas externos de transmissão para garantir a sobrevivência das novas gerações [...]. Este processo de aquisição por parte das novas gerações das conquistas sociais – processo de socialização – costuma-se denominar-se genericamente como processo de socialização (PÉREZ, 1998, p.13).

Desta forma, é necessário e importante deixar claro que nenhum sujeito nasce socializado, mas com capacidades de interação que oportunizam aprendizagens necessárias ao convívio. Não se pode esperar ou cobrar das crianças comportamentos que muitas vezes para nós são tidos como naturais, mas que na verdade são culturais.

Assim, este processo de ensino às crianças está ligado ao processo civilizatório, que de acordo com Xavier (2008, p.22)

[...] é esse processo de negociação reiterada, acredito que inerente às práticas de construção das relações humanas, que me parece estar pouco valorizado tanto nas famílias quanto nas escolas, nas práticas educativas das crianças e de jovens, como se procedimentos civilizados fossem práticas naturais, não culturais possíveis de serem atingidos sem a mediação da geração adulta.

Neste momento surge a importância da família e da escola, como ambientes com os quais as crianças e jovens se relacionam desde muito cedo, que vão ensinando suas crenças e valores, e constituindo sujeitos sociais. Tanto a família quanto a escola são constituidoras das crianças e jovens como indivíduos civilizados.

Percebe-se que a escola e a família encontram-se em situação dilemáticas quanto às suas atribuições e competências educativas. Como exemplo, temos a fala da MÃE 7 que diz que “tudo” deve ser ensinado pela escola e que a família é para “ensinar o respeito”. De certa forma, ela deposita a formação dos seus filhos para a escola, diminuindo a participação da família, em relação ao que deve ser ensinado pela escola e pela família.

A expressão “tudo”, não necessariamente transfere a responsabilidade da educação para a escola, mas representa a contribuição da escola na educação dos filhos, em relação a tudo que eles necessitam aprender e saber para estarem preparados para os desafios da vida em sociedade.

Outros pensamentos apareceram referindo-se ao que deveria ser ensinado na escola e pela família, conforme se pode observar nos excertos abaixo.

**MÃE 1:** *Na escola as matérias [...], a educação vem de casa, dada pelos pais, não é obrigação da escola.*

**MÃE 2:** *Na escola deveria ser aprendido o conhecimento acadêmico e na família a educação e os bons costumes.*

Observa-se, muitas vezes há uma contradição em relação às aprendizagens que competem à escola, pois em alguns momentos os pais fazem referência à aprendizagem de valores, noções de cidadania regras e respeito pela escola. Porém, quando questionados sobre o que deve ser ensinado pela escola e o que deve ser ensinado pela família, estabelecem uma distinção de atribuições, retomando a divisão de que na escola aprendem-se conhecimentos sistematizados e na família a educação e os valores.

Nas falas abaixo, fica mais expressa a importância de uma parceria entre escola e família, esperando-se, de forma confiante, da instituição escolar ensinamentos de posturas e valores, conforme percebe-se nos excertos abaixo.

**MÃE 15:** *A família deve ensinar boas maneiras, respeitar as pessoas e outras coisas. A escola, além do escrever e a ler, deve ajudar como um reforço do que foi ensinado em casa, mostrar a diversidade de coisas, pessoas e situações.*

**MÃE 9:** *Em casa começa tudo. Educação e bons hábitos. A escola é um complemento. A continuidade do que se aprende com os pais.*

É justamente neste sentido de auxiliar a família na educação das crianças, que algumas formas de educação, dentre elas a escolar, foram surgindo conforme Gómez (1998, p. 13).

Nas sociedades primitivas, a aprendizagem dos produtos sociais, assim como a educação dos novos membros aconteceram [...] mediante a participação cotidiana das crianças na vida adulta. No entanto, a aceleração do desenvolvimento histórico das comunidades humanas, bem como a complexização das estruturas e a diversificação de funções e tarefas da vida nas sociedades, [...] torna ineficazes e insuficientes os processos de socialização direta das novas gerações nas células primárias de convivência: a família, o grupo de iguais, os centros ou grupos de trabalho e produção.

Pode-se analisar que com o progresso das comunidades a tarefa de educação e socialização das crianças foi se tornando mais difícil, de acordo com a nova realidade das comunidades e das famílias. Assim, para dar conta da educação das crianças, e

Para suprir tais deficiências surgem desde o início e ao longo da história diferentes formas de especialização secundária (tutor, preceptor, academia, escola religiosa, escola laica...), que conduziram aos sistemas de escolarização obrigatória para todas as camadas da população nas sociedades industriais contemporâneas. Nestas sociedades a preparação das novas gerações para sua participação no mundo do trabalho e na vida pública requer a intervenção de instâncias específicas como a escola, cuja peculiar função é atender e canalizar o processo de socialização (GÓMEZ, 1998, p. 13).

Deste modo, pode-se dizer que uma das funções sociais da escola, desde o princípio, até os dias de hoje é a de auxiliar a família e contribuir na formação das crianças e em sua socialização com o meio em que vivem, pois a socialização das crianças encontra-se imbricadas com a apropriação e ressignificação dos conhecimentos escolares.

### 6.1.2 Escola como um espaço de preparação para o futuro

Os pais participantes desta pesquisa reconhecem e deixam claro a importância da escola em relação à socialização e a preparação para um futuro profissional de seus filhos. Compreendem a escola como um espaço gerador de oportunidades de uma vida melhor, conforme demonstram os pensamentos abaixo:

**MÃE 8:** *Sem a escola as crianças não seriam ninguém amanhã. Não seriam cidadãos de bem e, assim garantir um futuro promissor; ser um grande profissional no futuro.*

**PAI 10:** *A escola é o futuro dos meus filhos, pois que tem pouco estudo hoje em dia não sabe nada.*

Os trechos acima confirmam a relevância da escola para os pais como um espaço para um futuro melhor, de modo que os conhecimentos escolares são valorizados, não necessariamente pelo seu próprio valor enquanto bem cultural, mas

no sentido de serem necessários, uma espécie de passaporte, para que se garanta um espaço no mundo do trabalho. A escola, pode-se dizer a partir das falas dos pais, é o único meio capaz de garantir o futuro das crianças, para almejarem um futuro melhor.

Na seção anterior, abordamos a escola como um lugar de socialização, além de aprendizagem dos conhecimentos sistematizados e agora, retomando a escola como um espaço socializador, quero pensar a relação da socialização e da formação profissional no ambiente escolar, através dos conhecimentos sistematizados, pois conforme a observação de Gómez (1998, p.14), “parece claro para todos os autores e correntes da sociologia da educação que o objetivo básico e prioritário da socialização dos alunos/as na escola é para prepará-los para sua *incorporação no mundo do trabalho*”.

Ou seja, a socialização promovida pela escola é importante, porém tem sua importância aumentada quando se pensa em uma inserção no mundo do trabalho, já que por mais conhecimentos que um sujeito possua se ele não souber viver e conviver com outras pessoas, não souber se relacionar com elas, certamente terá dificuldades em inserir-se no mundo profissional. Como diz a Mãe 2: “A escola é importante porque ela abre a porta do conhecimentos para o aluno e garante o seu futuro com mais dignidade”.

Cabe destacar que nas falas dos pais, houve uma expressão que apareceu na maioria dos questionários, de que a escola é importante, pois “isso vai lhe garantir um futuro menos duro, mas não sem esforço”, conforme a Mãe 5. Esta expressão “ser alguém na vida”, bastante utilizada pelos pais, o desejo de que a escola possibilite aos seus filhos: “ser alguém na vida”. Então pergunto: O que os pais entendem por “ser alguém na vida”?

De acordo com a análise que fizemos, esta expressão adquire diversos significados, como por exemplo, “ser alguém na vida” pode ser uma pessoa civilizada, socializada, educada; uma pessoa que não se envolve em contravenções; uma pessoa que é respeitada pelos demais; ter um bom emprego, tem acesso a oportunidade no mundo do trabalho; ser um bom cidadão; ter acesso a bens culturais, ser uma pessoa culta, ter acesso a bens de consumo, e condições para

isso; ser alguém famoso ou reconhecido socialmente, entre outras possibilidades. Deste modo, os pais talvez acabem por reforçar que “a função principal que a sociedade delega e encarrega à escola é a incorporação futura ao mundo do trabalho” (GÓMES, 1998, p. 14), que no fundo é o que todos esperam da escola: que os alunos saiam capacitados para ingressar no mundo do trabalho. Também pode representar uma situação de empoderamento, conforme expressam os depoimentos abaixo.

**MÃE 16:** *Para ser uma pessoa de bem e aprender uma profissão, que no futuro tenha orgulho de que estudar ainda é o melhor para o futuro dele.*

Enfim, os pais desejam uma vida muito melhor para os filhos, do que talvez tenham tido, valorizando a escola como um local de aprendizagens de múltiplos saberes. Talvez, hoje os pais percebam a importância do estudo, e até a falta dele, por isso esta valorização tão grande em relação à escola e aos conhecimentos, como forma de alerta para que os filhos também reconheçam a importância disto para seu futuro. Para tanto, depositam suas esperanças na escola, pois as adversidades da sociedade em geral são muito presentes em suas trajetórias de vidas.

Em relação a este preparo profissional, de acordo com Gómez (1998, p.15),

[...] não é fácil definir o que significa, em termos de conhecimentos, disposições, habilidades e atitudes, preparar os alunos/as para sua incorporação não-conflitante no mundo do trabalho, especialmente em sociedades pós-industriais, nas quais emergem diferentes postos de trabalho autônomos ou assalariados e nas quais o desenvolvimento econômico requer mudanças aceleradas nas características do mercado de trabalho.

Gómez utiliza dois termos para referir-se ao trabalho: mercado de trabalho e mundo do trabalho. Apesar de muitas vezes não perceber-se, existe uma distinção entre estes dois termos, já que o mercado do trabalho é mais restrito, busca profissionais enquadrados e adequados para determinadas funções, que execute suas tarefas sem muito pensar sobre isso, ou seja, um indivíduo que na seja crítico quanto ao trabalho.

O mundo do trabalho, ao contrário, é mais amplo, mais aberto e busca profissionais que sejam críticos, que sejam capazes de pensar e problematizar as situações, assim buscando avanços e crescimento.

Analisando os dois termos mercado de trabalho e mundo do trabalho, a partir da sociedade contemporânea, pode-se dizer que cada vez mais se busca pessoas preparadas para o mundo do trabalho. Assim, diante do preparo profissional esperado pelos pais, das constantes mudanças da sociedade, para se pensar lanço a seguinte pergunta: está a instituição escolar preparada para formar os profissionais que a sociedade contemporânea espera?

Sabe-se da rapidez com que as situações mudam na sociedade contemporânea, assim como também sabe-se da “crise” que a instituição escolar tem passado ao longo de décadas, justamente por manter-se presa a concepções que já não cabem mais em tempos atuais.

Constantemente vimos nos noticiários ofertas de vagas de emprego que sobram diante da falta de pessoas capacitadas para preenchê-las. Então, me recorde da fala de Gómez, de que a sociedade delega à escola a função de preparar os sujeitos para a inserção no mundo do trabalho, mas não me parece que ela consiga desempenhar esta função de forma condizente, pelas características que a constituem na contemporaneidade, justamente articuladas à noção de “crise” e de leveza e liquidez dos tempos atuais.

Mesmo diante da “crise” na instituição escolar, ela continua sendo vista pelos pais e pela sociedade como principal formadora dos sujeitos para que tenham um futuro melhor e deem conta de suprir as necessidades da sociedade atual. Ou seja, a escola ainda é aquela capaz de promover uma mudança necessária, conforme mostram algumas falas, como a da MÃE 18 que diz que “precisamos de pessoas inteligentes no planeta”. Abaixo outros pensamentos para dialogarmos.

**MÃE 2:** *Eu acredito no conhecimento como única forma de transformação do nosso país.*

**MÃE 5:** *Depois que aprendemos a ler passamos a acreditar que somos capazes de tudo, de conquistar o mundo. Aprendemos a ter sonhos.*

A partir disso, pode-se perceber a esperança no novo para a mudança necessária, em que “o papel desempenhado pela educação [...] mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos” (ARENDDT, 2005, p. 225).

As crianças e jovens, os filhos, são como promessas, e neles são depositadas as esperanças de algo melhor e diferente. Os próprios pais deixam claro que esperam através da escola, do estudo e educação que seus filhos tenham um futuro melhor.

**MÃE 17:** *Para eles serem algo melhor do que eu no futuro, pois estudei só até a 5ª série e hoje me arrependo.*

**MÃE 14:** *Só aprendendo para ser uma pessoa com dignidade e um futuro que depois não se arrependa por não ter estudado*

Este futuro melhor depende de cada um, individualmente, mas também de todos, coletivamente. Os pais, em sua maioria, parecem saber disso e da responsabilidade deles em relação aos filhos para que tenham uma vida melhor no futuro, pois de acordo com Arendt (2005, p.235)

Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumiram na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo.

Esta responsabilidade dos pais pela continuação do mundo e pelo desenvolvimento da criança é bastante presente e recorrente em suas falas com relação à aprendizagem dos valores, hábitos e também dos conhecimentos necessários para um futuro melhor. Valorizam a educação familiar, quanto a escolar, incentivam e acompanham os filhos em seus estudos. Ou seja,

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. Esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação; é um novo ser humano e é um ser em formação (ARENDDT, 2005, p. 235).

Esta reflexão encaminha-se, então, para uma perspectiva positiva em relação à educação e à escola como meio de possibilitar mudanças e uma condição futura de vida melhor, preparando os alunos para o novo e o não vivido, visto que tanto as crianças e o mundo estão em formação e transformação, um age sobre o outro, pois os sujeitos agem no mundo que os constitui.

## 6.2 O olhar dos Alunos do 1º e 5º ano: estudar, brincar ou socializar?

Para pensar a escola contemporânea, nada melhor que analisar a escola a partir do olhar das próprias crianças, identificar suas percepções em relação ao espaço escolar, o que pensam, sentem, gostam e não gostam, enfim, o que pensam os sujeitos para os quais a instituição escolar se dedica.

Para pensar a escola atual, é necessário também analisar o lugar que a instituição escolar tem assumido historicamente, com a tarefa de educar e “formar” as crianças, que no espaço escolar passam a ser denominados de alunos. É importante lembrar que

A categoria de aluno, sabemos hoje, é uma categoria cultural e não natural, precisa pois ser *produzida* como a escola moderna sempre fez e que a escola contemporânea parece esperar que surja por geração espontânea, sem ensinamentos e investimentos. (XAVIER, 2008, p. 21)

O aluno, enquanto categoria cultural que emerge juntamente com a escola e que necessita ser produzida no ambiente escolar, passa a constituir-se como ator principal do mundo escolar, a quem os professores dedicam seu trabalho e a maioria dos pais prioriza em suas vidas, pois de certa forma “nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta” (ARENDDT, 1998, p. 243). Isto é, representam a esperança de mudança, de um mundo novo, com a chegada a este mundo já existente.

Justamente por termos presente a dinamicidade da vida e que tudo muda, faz-se necessário compreender que as crianças e jovens serão os sujeitos que

darão continuidade ao que se construiu ao longo da história da humanidade, e que farão, ou não, as mudanças necessárias no mundo em que se vive. Portanto,

[...] é possível dizer que a educação, sendo ela concebida quer como projeto, quer como processo, está necessariamente vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. E, de outro lado, é evidente que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, socialização, formação, ensino e aprendizagem. (FORQUIN, 2003, p.1)

Deste modo, é necessário refletir se a instituição escolar, na atualidade, estaria dando conta desta transmissão entre as gerações e preparando as crianças para a sociedade atual, a partir dos processos citados por Forquin (2003), sem descuidar das necessidades e interesses das crianças. Isto é, estaria se configurando como um espaço em que elas gostem de estar e se constituam como cidadãos, conforme os pais e a sociedade desejam, para que sejam capazes de modificar a realidade atual e construir o futuro que se almeja.

Durante a pesquisa, foi possível perceber uma diferença significativa do olhar que os alunos do 1º e 5º ano têm em relação à escola.

No que se refere aos alunos do primeiro ano, a coleta de dados se processou através de “conversas amáveis” (SARMENTO, 2003), bastante à vontade, em que estávamos, eu e os alunos, sentados no chão, em rodinha, com a presença da professora titular. Assim que fiz a primeira pergunta, sobre por que vão à escola, os alunos começaram a falar voluntariamente, expondo suas ideias e pensamentos. Estavam ansiosos para se manifestarem.

Penso ser importante destacar a espontaneidade das crianças ao falarem e o desejo de se expressarem, pois isso aconteceu devido a uma prática da professora titular de estimular a participação e a autonomia dos alunos, por meio de conversas frequentes, valorizando seus saberes e conhecimentos, bem como seus posicionamentos, argumentos e expressão oral.

A prática pedagógica desenvolvida pela professora, que busca colocar os alunos como protagonistas de suas aprendizagens, refere-se a uma noção de

aprendizagem que se dá por meio da socialização das crianças, chamada de modelo interativo segundo os sociólogos da infância, na qual

[...] esta noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista. (DELGADO, MÜLLER, 2005, p. ?)

Desta forma, percebe-se uma mudança na posição dos alunos na escola, antes considerados por alguns professores como meros receptores de informações e agora como agentes e protagonistas de suas aprendizagens. Nas palavras de Xavier (2008, p. 22), “trata-se novamente da defesa de um espaço de escuta, na escola, das falas dos estudantes”, em que os alunos têm voz e vez.

No decorrer dos diálogos com as crianças, ficou bastante evidente o quanto os alunos gostam do ambiente escolar, como é possível perceber na fala do ALUNO 3: “Gosto da biblioteca, da informática e do refeitório”. Além do gosto por todos os espaços da escola, também fazem referência às atividades sistematizadas, como se percebe na expressão do ALUNO 4: “Eu gosto de aprender o alfabeto, os números”. Assim, existe uma valorização por parte dos alunos, tanto das atividades realizadas na sala de aula, quanto nas atividades complementares.

Nos excertos acima, percebe-se, de forma recorrente, o gosto por tudo que diz respeito à instituição escolar. Há, porém, uma ênfase na aprendizagem dos conhecimentos escolares, ou seja, os conhecimentos sistematizados. No caso do primeiro ano, os interesses voltam-se mais para o alfabeto, reconhecimento de letras e seus sons, bem como a identificação dos números e suas quantidades.

Deste modo, se percebe o destaque para os conteúdos mais convencionais, ressaltando a imagem da escola vinculada aos conhecimentos tradicionais e sistematizados, que são arbitrariamente tomados como saberes legítimos e verdadeiros.

Nesse sentido, ainda permanecem as listagens de conteúdos como orientadores das práticas pedagógicas de muitos professores, mesmo que sejam bem intencionados e preocupados em mudar a escola. Nas falas dos alunos do 5º

ano, expressas abaixo, fica evidente a imagem da instituição escolar como um espaço em que os alunos devem se apropriar de uma série conhecimentos construídos historicamente e necessários à sua vida e ao seu futuro. Evidente ao referirem-se à necessidade e importância dos conhecimentos escolares para seu cotidiano.

Quando o aluno Roberto diz “Eu aprendo contas de +, -, X, /. Todas elas são importantes para o meu dia-a-dia”, remete-nos à questão de que os conhecimentos necessitam ser ressignificados e aproximados do cotidiano de acordo com a sociedade contemporânea. Ou seja,

O que é realmente contemporâneo, o que é típico da experiência que nós temos do mundo no qual vivemos hoje, é a transformação das próprias condições da transmissão, o que significa a transformação da própria maneira com a qual se estabelece, por ocasião e durante as transmissões, o equilíbrio entre continuidade e descontinuidade, entre conservação e alteração, reprodução e transformação. (FORQUIN, 2003, p. 2)

Sabe-se da necessidade de ensinar às novas gerações os conhecimentos que foram construídos historicamente por diversas gerações, porém é importante estar atento a como se dá esta socialização de saberes, de modo que seja a base para mudanças e transformações onde os alunos encontrem sentido no que aprendem.

Ficou visível que as crianças têm um gosto enorme pela aprendizagem, querem e gostam de aprender, e isso se deve também à prática da professora titular. Ou seja, depende de como ela estabelece está “transmissão” dos conhecimentos com os alunos, que não deve ser apenas uma “transmissão”, como muitas vezes se pensa, mas sim uma reapropriação significativa destes conhecimentos, pois conforme Forquin (2003, p.3) “tal herança pressupõe um processo ativo de mediação e de apropriação”.

Deste modo, através do seu trabalho pedagógico, a professora titular torna a sala de aula um espaço prazeroso. De acordo com Dayrell (1996, p. 156) “o que se questiona não é tanto o conteúdo escolar em si, apesar das muitas aberrações existentes, mas a forma como é entendido e trabalhado pelo professor”. Ou seja, como conteúdo escolar pode fazer sentido para o aluno, através da forma como a

aprendizagem acontece na sala de aula, a partir da ação pedagógica proposta pelo professor.

Enquanto os alunos do 1º ano deram grande destaque ao gosto pelas aprendizagens escolares, os alunos do 5º ano, em sua maioria, não deram ênfase ao gosto por estas aprendizagens, mas enfatizaram o gosto pelas atividades complementares existentes na escola, que acontecem fora do ambiente da sala de aula e que não estão diretamente ligados aos conhecimentos escolares sistematizados, como biblioteca, informática, recreação, arte e educação, entre outras atividades.

Os alunos do 5º ano expressaram tais preferências conforme demonstra o aluno Márcio, quando diz que gosta de “ir pra o recreio porque tem futebol, tem vôlei, tem muitas brincadeiras”. Outras manifestações apontam o mesmo sentido.

**Sofia:** *O recreio, a biblioteca, informática, hora atividade, etc, porque eu e meus colegas nos divertimos. É legal.*

**Fernanda:** *Eu gosto das professoras, das atividades. Por que as professoras são legais e porque eu gosto de vôlei, informática e biblioteca.*

É possível, então, pensar que o gosto pelas atividades complementares, realizadas fora da sala de aula, esteja relacionado ao prazer que estas atividades provocam, pois costumam ser atividades lúdicas de seu interesse, legais e divertidas. A referência que a aluna Fernanda faz em relação às professoras das atividades e ao fato de gostar delas, pode representar o prazer pelas atividades, vinculado ao gosto pelo modo da professora conduzir as atividades. Ou seja, como a professora proporciona atividades divertidas e de interesse dos alunos, ela acaba também se tornando legal e sendo alguém que os alunos gostem.

Fica evidente nas falas dos alunos, também, que os momentos de encontros e de relações de amizade são proporcionados e vividos no ambiente escolar, que

[...] evidenciam que a escola é essencialmente um espaço coletivo de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas. [...] O recreio é o momento de encontro por excelência, além de ser o da alimentação. (DAYRELL, 1996, p. 148)

A escola tornar-se este ambiente de relações com os outros, porém quando questionados sobre para que serve a escola e qual sua importância, os alunos do 5º ano pareceram estar em sintonia com os pensamentos quanto à valorização da escola “para estudar, ter um futuro melhor”, conforme disse a aluna Priscila.

**Bruna:** *Para crescer e ser alguém na vida, ser mais trabalhadora e bem educada. [...] eu acho que a escola vai me tornar alguém um dia, porque estudando a gente aprende muitas coisas.*

**Braian:** *Se a gente não ir na escola no futuro não vou ser nada da vida.*

**Paula:** *As coisas que nós aprendemos são importantes porque quando crescer nós vamos arrumar um emprego legal.*

Percebe-se que os alunos têm bastante presente o mesmo pensamento dos pais, em relação à escola como um espaço de aprendizagens necessárias para um futuro melhor, para se ter um bom emprego, que pode estar sendo reforçado pela autoridade da fala das professoras.

Em relação às falas dos alunos do 1º ano, referente às mesmas questões propostas ao 5º ano, aparecem reflexos deste mesmo posicionamento, porém de forma mais branda e sutil, conforme lembram os ALUNOS 5 E 6 ao falarem a importância de “estudar” e de se “aprender as letras e mexer no computador”. Ou ainda como nos aponta o ALUNO 7 “para aprender a ler, a ler o alfabeto, fazer atividades, brincar”.

No entanto, apesar de algumas repetições da fala dos pais e dos alunos do 5º ano, é importante analisar como as crianças e jovens percebem sua relação com a escola, pois de acordo com Charlot (2000, p.173), para muitos alunos “ir à escola representa apenas uma obrigação imposta pelos adultos, para que eles possam ter uma vida melhor, no futuro. Eles não encontram o sentido e o prazer de aprender e de saber”.

Os alunos sabem de sua obrigação em relação à escola e sobre a necessidade dos estudos para seu futuro, frequentemente reforçada pelos pais, porém este processo de aprendizagem não precisa ser negativo, mas sim um

momento de prazer, que os alunos gostem e vejam sentido em tudo que aprendem, pois

[...] se uma criança (seria a mesma coisa com um adulto) não encontrar na escola um sentido e não tiver o prazer do saber, El não vai ter uma atividade intelectual; se ela não tiver uma atividade intelectual, ela não vai aprender, se formar e se desenvolver. (CHARLOT,2000, p. 170)

A escola só terá sentido quando ela proporcionar aos alunos aprendizagens significativas, pois enquanto eles não compreenderem por que passam tantos anos na escola, tendo que aprender saberes desconectados de seu cotidiano, dificilmente ela terá alguma relevância em suas trajetórias de vida.

Valho-me aqui das palavras de Charlot (2000, p. 173), para mostrar algo comum nas escolas atualmente, quando os alunos não encontram sentido no saber, pois

[...] esses alunos têm uma relação muito forte com a escola (eles dizem que ir à escola é muito importante – além disso, é o lugar onde se pode encontrar os amigos), mas uma relação muito fraca com o próprio saber. Para estes alunos, não se trata de aprender muitas coisas, mas de sobreviver na escola, passando se uma série para outra.

O trecho acima confirma o que aparece nas falas dos alunos do 5º em relação à escola. Isto é, que gostam bastante da escola, mas têm uma relação distante e frágil com os conteúdos escolares.

**Márcio:** *A minha professora explica matéria até você entender.*

**Júnior:** *A professora [...] é muito legal, ela faz brincadeiras com os alunos.*

Através das falas dos alunos, percebe-se o destaque que deram à professora titular e ao modo como ela desenvolve seu trabalho pedagógico.

Os trechos também destacam o brincar na sala de aula, que gerou espanto para a maioria dos alunos do 5º ano, por não ser uma postura e uma prática comum de muitas professoras.

Os alunos do 1º ano também fizeram referências ao brincar na sala de aula, com mais naturalidade, compreendendo que através do brincar também se aprende, confirmando, assim, o que nos diz Fortuna (2007, p.21), de que “assegurar tempo e espaço para brincar através de uma atitude valorizadora e participativa da brincadeira contribui, decisivamente, para o desenvolvimento e a aprendizagem das novas gerações, confirmando que brincar é, sim, aprender”.

No entanto, os alunos do 5º ano pareceram não compreender o brincar como parte do cotidiano da sala de aula e como meio, também, de aprendizagem, estando relacionado somente ao lúdico que perpassa outros ambientes da escola, como o recreio, a informática, entre outros. Isto se deva talvez a prática de outras professoras que cruzaram o caminho destes alunos, deixando claro que a sala de aula é lugar de estudar, onde não há espaço para a brincadeira. Fortuna, também faz um alerta sobre a inexistência do brincar no ensino fundamental, principalmente com os alunos maiores.

Se examinarmos detalhadamente as práticas pedagógicas predominantes na atualidade constataremos a inexistência absoluta de brinquedos e momentos para brincar na escola. [...] Nos raros momentos em que são propostos, são separados rigidamente das atividades escolares, como o "canto" dos brinquedos ou o "dia do brinquedo" - e, assim mesmo, apenas nas escolas infantis, pois nas classes de ensino fundamental estas alternativas são abominadas, já que os alunos estão ali para "aprender, não para brincar". O brincar, literalmente acantonado, deste modo não contamina as demais tarefas escolares, sendo mantido sob controle. Só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio [...].

Deste modo, os alunos do 1º ano foram capazes de reconhecer que quando se brinca se aprende, enquanto os alunos do 5º ano se mostraram surpresos com as brincadeiras dentro da sala de aula, promovidas pela professora. O lúdico presente na sala de aula, como um momento de lazer, mas também como aprendizagem é reconhecido pelos alunos, mostrando o quanto a sala de aula e o espaço escolar podem ser valorizados e queridos pelas crianças, como um local que gostem de estar, através do qual possam se expressar.

Desta forma, a partir das falas dos alunos, percebe-se que a escola possibilita, “além do acesso aos bens culturais disponíveis, espaço de expressão de seus anseios, desejos, preocupações e visões de mundo” (XAVIER, 2008, p. 20), já que a proposta pedagogia desenvolvida pelas professoras nestas turmas, permite

que os alunos possam expressar-se e também aprender os conhecimentos escolares de forma prazerosa, incluindo o brincar.

A grande questão é o que aconteceu na vida escolar dos alunos do 5º ano para que se surpreendam com o brincar como forma de aprendizagem na sala de aula, enquanto isto é muito natural para os alunos do 1º ano? Quem sabe a resposta esteja nas práticas pedagógicas das professoras em suas salas de aula.

### 6.3 O olhar das Professoras: os desafios e dilemas da docência

As professoras apresentaram outro olhar em relação à escola, diferente dos pais e alunos, e que vai ao encontro da problematização desta pesquisa acerca da “crise” educacional que a escola vive. De modos diferentes, as duas professoras se referiram a escola como estando em crise e atravessando um momento conturbado e de incertezas, conforme indica o excerto abaixo.

**Professora B:** *A escola que estamos vivenciando atualmente está perdida, não se tem mais um papel específico da escola, pois com tanta demanda a escola acaba abraçando muitas causas e sem dar conta de tudo acaba ficando pela metade seu desempenho.*

Na fala acima a professora B<sup>4</sup> refere-se a um modelo de escola, que remete a um a um pensamento idealizado, a partir de outros tempos, possivelmente modernos, de que a única função da instituição escolar seria apenas o ensino dos conteúdos escolares. Talvez, a professora apenas queira dizer que este seja o objetivo principal da escola, além de outras funções sociais. O que se observa, atualmente, é que existe uma série de demandas que estão ficando a cargo da escola, que antes não pertenciam a ela e que afetam a própria questão do ensino. Ou seja, a escola além de suas atribuições “normais” está assumindo outras funções, mais ligadas à esfera da família e de outras instituições sociais.

---

<sup>4</sup> Para me referir às professoras Utilizarei as Letras A e B. Quando escrever Professora A estarei me referindo à professora do 1º ano e quando escrever Professora B, estarei me referindo à professora do 5º ano.

Parte desta demanda, que a escola vem assumindo, refere-se às atribuições relacionadas à família que tem deixado de dar conta, inclusive de assumir a posição de adulto e promover a construção de limites. Com as transformações da sociedade, a família também se modifica e não consegue realizar algumas funções que seriam historicamente de sua responsabilidade. Cabe, então, à escola assumir outras competências, por ser o segundo local em que a criança passa mais tempo e realiza muitas de suas aprendizagens.

**Professora A:** *Sabemos que há uma crise na educação, as escolas brasileiras atualmente carecem de credibilidade, o professor sente-se desmotivado. Quando se procura investigar as causas desse fracasso aparece com frequência a relação professor/aluno, com destaque para a indisciplina, sempre como algo advindo de fora da escola, problemas familiares, carência, falta de pré-requisitos, problemas de relacionamentos como obstáculos para o trabalho pedagógico.*

A Professora A, apresenta mais especificamente alguns fatores que contribuem para uma visão de “crise” vivenciada pela instituição escolar, que aumentam a demanda e sobrecarregam a escola. Percebe-se que há uma identificação nas falas das professoras em relação aos dilemas vivenciados pela escola, porém o maior dilema se dá em pensar soluções, em como dar conta de toda esta carga que tem chegado à escola.

Merece destaque a fala da referida professora em relação à credibilidade que a escola necessita ter perante a sociedade. Sabemos que a escola não está dando conta das demandas e necessidades da sociedade atual, sendo mais perceptível pelas professoras por viverem cotidianamente estes dilemas. Ainda assim, os pais expressaram acreditar na escola, dando a ela certa credibilidade.

Outro ponto relevante e recorrente apontado pelas professoras participantes da pesquisa, sobre a docência em geral, é a desmotivação, devido à excessiva carga horária, ao acúmulo de trabalho e a sua complexidade e, também, ao desgaste emocional vivido por muitos professores em seu cotidiano escolar. Cerezer e Outeiral (2010, p.22 e 23), através de suas palavras ajudam a compreender o cotidiano dos professores, que

[...] têm um papel que não possuíam há algumas décadas: pensar sua prática, criar, enfrentar desafios. [...] Eles sentem a mudança, percebem a violência, o desamparo e o abandono e, inclusive, vivenciam diretamente

estas situações. [...] Transitar nesse emaranhado de demandas psicológicas não é tarefa fácil. A compreensão dos acontecimentos, a discussão de tais questões em grupos e o apoio das instituições, acreditamos, tornará a tarefa mais efetiva e, conseqüentemente, mais gratificante. Reprimir os sentimentos e as ideias, não compreender o que acontece, ocasiona um profundo desgaste emocional e físico.

Os professores, de modo geral, de acordo com a visão das professoras pesquisadas, sentem-se desamparados e solitários, muitas vezes sem saber como agir com tantas demandas que recaem sobre eles. Portanto, a relação professor/aluno acaba sendo, seguidamente, fonte de reclamações entre professores, inúmeras vezes, relacionadas com a indisciplina, pois há uma expectativa com relação aos comportamentos e posturas de seus alunos, que deveriam ter sido ensinados no ambiente familiar. Esperam um determinado modelo de aluno que é sustentado pela sociedade moderna, mais disciplinar, diferente do sujeito aluno presente atualmente nas salas de aula.

Não bastam apenas manifestações de insatisfação quanto ao contexto escolar e às adversidades que o permeiam, é necessário buscar modos de como superar tais dificuldades, para além da queixa, visto que se encontram muito presentes na dinâmica do cotidiano da docência. Recorro, novamente, às palavras de Xavier (2008, p. 21) ao mencionar que o aluno “muitas vezes não pode se apropriar dos chamados saberes escolares sem antes passar por processos civilizatórios e de humanização anteriores”, que cada vez mais necessitam ser aprendidos e ensinados na escola. Isto é fato!

Deste modo é necessário dar-se conta de que os tempos são outros, que tudo esta mudando, que os alunos mudaram, que não existe o mesmo modelo de aluno do início do século XX, almejado por tanto professores, nem a escola é a mesma. Por mais difícil que seja, é preciso mudar também, é necessária uma nova postura dos professores, pois conforme Dayrell (1996, p. 156)

Os professores, na sua maioria, presos que estão a esta forma de lidar com os conteúdos, deixam de se colocar como expressão de uma geração adulta, portadora de um mundo de valores, regras, projetos e utopias a ser proposto os alunos. Deixam de contribuir no processo de formação mais amplo, como interlocutores desses alunos, diante de suas crises, dúvidas, perplexidades geradas pela vida cotidiana.

Diante de tantas mudanças, a sociedade contemporânea não tem oferecido modelos identificatórios para suas crianças e jovens (OUTEIRAL e CEREZER, 2012)<sup>5</sup>, o lugar de adulto, de construtor de limites está “vago”, necessitando que o professor seja, também, um modelo para seus alunos. Além disso, o professor precisa mudar sua prática, pois muitos continuam presos às práticas ultrapassadas, tanto que segundo Geraldi (2010, p. 90),

[...] este modelo de professor como sujeito que controla o processo da aprendizagem entre em crise nas duas últimas décadas do século XX. [...] estamos vivendo um momento de crise. [...] Estão em crise os sistemas de produção, [...] os paradigmas científicos, [...] instituições milenares [...], está em crise nosso modo de habitar o planeta.

O autor refere-se a uma crise generalizada, pela qual todos somos envolvidos e se a escola está em crise, necessitando de mudanças, o professor também. Geraldi (2010, p.92) refere-se a uma crise na identidade do professor, sendo necessário superar o modelo de professor controlador, sendo a crise a oportunidade para gestar o novo, uma nova identidade profissional, de acordo com os novos tempos que vivermos, pois

[...] como nossa forma de conhecer o mundo, as gentes e suas relações é constitutiva daquilo que somos, esta nova identidade em construção para o professor terá profundas relações com as novas formas dos conhecimentos: sempre parciais, locais e incertos, [...] a aprendizagem da instabilidade.

O professor não é mais aquele detentor do saber, pois os conhecimentos são incertos, já que vivemos tempos de mudanças e incertezas. Assim, o professor deve envolver seu aluno no processo de aprendizagem e juntos construir saberes significativos para os alunos, pois “saber é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas” (Geraldi, 2010, p. 96), e assim, quem sabe, constituir pessoas preparadas para viver e atuar na sociedade e no mundo contemporâneo.

Diante desta mudança necessária na identidade do professor, as professoras A e B são exemplos desta nova identidade profissional que vem emergindo em meio

---

<sup>5</sup> CEREZER, José; OUTEIRAL, Cleon. Palestra sobre Autoridade e Mal-estar do educador. UFRGS. Porto Alegre, mar/2012.

à “crise”, e que se evidencia através da prática pedagógica. Por exemplo, quando questionadas sobre o tipo de aluno que desejam formar com seu trabalho o pedagógico as professoras s manifestaram da seguinte forma.

**Professora B:** *Um aluno crítico, social, responsável, que conhece o mundo e [...] como ser atuante.*

**Professora A:** *Desejo formar alunos que tenham prazer de descobrir, de reinventar, de se alegrarem em se perceberem capazes. [...] despertá-los para o mundo é tarefa relevante e indispensável, fazendo com que o indivíduo torne-se mais humano dentro do contexto em que está inserido.*

As professoras percebem o tempo contemporâneo em que vivemos e a necessidade de cidadãos cada vez mais conscientes e atuantes no mundo, desejando assim, com sua prática pedagógica, ensinar não só os conhecimentos escolares, mas também contribuir na formação de indivíduos comprometidos socialmente.

O pensamento das professoras vai ao encontro do que nos diz (Xavier, 2008, p. 24) em relação aos conhecimentos ensinados na escola e à constituição de sujeitos sociais.

Acreditam aqueles professores, com certa segurança, que a finalidade da escola na escolarização inicial é permitir que os alunos leiam, escrevam, faça e entendam as quatro operações - habilidades indispensáveis na nossa cultura. Mas, acreditam também que as crianças precisam entender, em grau crescente de complexidade, o mundo onde estão. Precisam se entender, entender o outro, entender o mundo natural e social a partir da região onde vivem.

Enfim, na sociedade contemporânea a docência tem se caracterizado como um trabalho inquietante e desafiador, pois os professores têm atuado em uma sociedade na qual as mudanças estão se dando cada vez mais de forma incerta, fluida e rápida. Neste sentido, a instituição escola também sofre os efeitos deste contexto ao se configurar como um espaço atravessado por dilemas e atribuições cada vez maiores, buscando construir um novo modelo de educação condizente como novos tempos. Ou seja, os professores estão em meio a um turbilhão, também procurando encontrar uma nova identidade para si, enquanto docentes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contribuiu para compreender melhor como a instituição escolar vem sendo percebida por seus protagonistas, ou seja, por aqueles sujeitos que constituem cotidianamente esta instituição.

A partir de diversos autores da área da educação, foi possível analisar as transformações pelas quais a escola passou ao longo de sua existência e que tem passado atualmente, vivendo a denominada “crise” educacional. (ARENDR, 2005)

Percebeu-se que os pais almejam um bom emprego e um futuro promissor para seus filhos através dos estudos, acreditando na escola como um meio para oportunizar a concretização destes objetivos de vida. Também se observou, na percepção dos pais, que a escola aparece, de forma contundente, como um ambiente de socialização, com a aprendizagem de valores e posturas necessárias à vida em sociedade. Assim, a escola figurou como parceira das famílias na educação e constituição das crianças e jovens.

Em relação aos posicionamentos dos alunos, a escola teve uma forte presença como um espaço de aprendizagens necessárias para o cotidiano e para um futuro melhor e para se ter um bom emprego, refletindo muito do pensamento dos pais. A escola também apareceu como espaço de socialização, de relações de convivência, de amizades e de encontros e aprendizagens com o outro, principalmente por parte dos alunos do 5º ano, que deram maior destaque para as atividades lúdicas, realizadas fora da sala de aula. Os alunos do 1º ano deram grande destaque ao gosto pelas aprendizagens escolares, tanto as realizadas na sala de aula, quanto em outros ambientes da escola, valorizando situações de sala de aula em que se aprende brincando.

O apontamento dos alunos em relação ao brincar dentro da escola evidenciou o quanto o lúdico pode tornar a aprendizagem e a escola prazerosa. Também demonstrou que o brincar, desconsiderado por parte de alguns professores, não tem tido o espaço necessário na sala de aula, levando os alunos a se surpreenderem ao encontrarem uma professora no 5º ano que brinca com os alunos.

As manifestações das professoras com relação à escola foram no sentido de expressarem um certo desconforto e um mal-estar em relação aos tempos vividos atualmente, que vão ao encontro do que situei como “crise” educacional, principalmente pelos dilemas e tensões presentes no cotidiano escolar, que sobrecarregam e dificultam a docência. No entanto, mesmo em meio a esta fase turbulenta pela qual a escola passa, demonstraram-se empenhadas em seu trabalho docente, buscando, através de sua prática pedagógica, constituir indivíduos envolvidos socialmente, críticos e conscientes do mundo e dos tempos contemporâneos em que vivem.

Enfim, foi possível concluir que a escola contemporânea tem vivido a chamada “crise” e vem sendo atravessada por uma série de tensões e dilemas, porém continua figurando, principalmente para os pais e alunos, como uma referência, como capaz de ofertar uma perspectiva de um futuro e uma vida melhor; ou seja, fonte de transformação. A escola, também, aparece como fundamental para uma futura inserção no mundo do trabalho, no sentido de que as crianças e jovens sejam “alguém na vida”, a partir dos diferentes conhecimentos ofertados.

A instituição escolar vem sendo percebida como um espaço sociocultural, existindo uma valorização da instituição escolar como um espaço tanto de aprendizagens dos conhecimentos sistematizados, quanto um local de socialização, de relação com os outros e a continuidade dos ensinamentos da família.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005. P. 221-247

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CEREZER, José; OUTEIRAL, Cleon. **Autoridade e Mal-estar do educador**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.

CHARLOT, Bernard. A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares. In: AZEVEDO, José Clovis de; GENTILI, Pablo; KRUG, André; SIMON, Cátia. (Orgs). **Utopia e democracia na escola cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Secretaria Municipal de Educação, 2000. P. 169-177

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Dossiê “Sociologia da infância: Pesquisa com crianças”. In: **Educação e Sociedade**. vol.26 no.91. Campinas Mai/Ago 2005.

DUSSEL, Inés. O Currículo Híbrido: Domesticação ou Pluralização das diferenças? In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elisabeth (Orgs.). **Currículo: Debates Contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002.

FORQUIN, Jean-Claude. **Relações entre gerações e processos educativos: Transmissões e Transformações**. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC São Paulo | outubro 2003

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender: a brincadeira e a escola. **Marista Sul: revista da Província Marista do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano 7, número 31, maio/ago. 2007, p. 20-21.

\_\_\_\_\_. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. ; DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. Pg. 81-101.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1995. 5ª edição.

GÓMES, A.I.PÉREZ. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SÁCRISTAN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I.PÉREZ. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, Fábio C.R. Um novo modelo de ensino para o século XXI. **Pátio – Revista Pedagógica**. Porto Alegre, Ano XIII, nº 51, ago./out. 2009, Ed. Artemed.

SANTOS, Boaventura S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.

SARMENTO, Jacinto Manuel. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; TEIXEIRA, Rita Amélia (Orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

XAVIER, Maria Luisa M. Educação Básica – resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea. In: PEREIRA, Nilton Mullet et al. (Orgs) **Ler e escrever – Compromisso no Ensino Médio**. Editora UFRGS e NIVE/UFRGS, 2008 – Porto Alegre.

## APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS PAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Pesquisadora: Carolina Vilanova Foragi

### Questionário para os pais

1) Fale um pouco sobre a importância da escola para você.

---

---

2) Por que você manda seu filho para a escola?

---

---

3) As coisas que seu filho aprende na escola são importantes? Por quê?

---

---

4) Costuma ajudar seu filho nos temas de casa? Como e com que frequência?

---

---

5) Você frequenta e participa das atividades e eventos realizados pela escola de seu(s) filho(s)? Explique por que você participa ou não.

---

---

6) Para vocês, que deve ser ensinado na escola e o que deve ser ensinado pela família?

---

---

7) Em sua opinião, o que deveria mudar na escola?

---

---

## APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS PROFESSORAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
Pesquisadora: Carolina Vilanova Foragi

### Questionário para as Professoras

1) Qual a sua visão da escola atual?

---

---

2) Por que você acha que os alunos vão à escola?

---

---

3) Que tipo de aluno você deseja formar com seu trabalho pedagógico?

---

---

4) O que você acha que necessita ser ensinado na escola, por que e de que forma?

---

---

5) Como você se relaciona com seus alunos e seus pais?

---

---

6) Qual a responsabilidade da família na educação dos filhos?

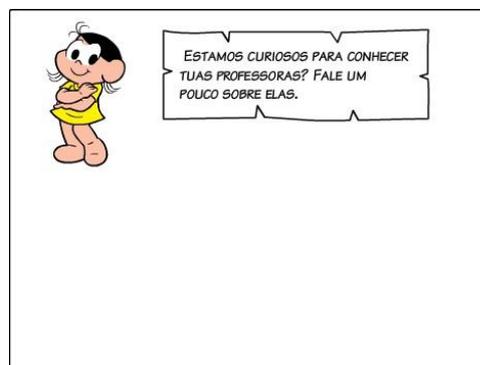
---

---

Nome da Professora: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

### TURMA DA MÔNICA EM: UMA CONVERSA SOBRE A ESCOLA.



## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO/PROFESSORAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Temática: ***Por que ir à escola? Compreendendo a escola na contemporaneidade.***

Pesquisadora: Carolina Foragi

Professora Orientadora: Roseli Inês Hickmann

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender qual o significado e a importância da escola nos dias atuais para os alunos e suas famílias, bem como para as professoras que nela atuam.

Para isso, desejamos realizar no ambiente escolar uma coleta de informações através de conversas acompanhadas de gravações de voz e de registro escrito, questionários e de produções textuais diversas, dependendo do grupo de sujeitos participantes (se alunos, familiares ou professoras).

Gostaríamos de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas sob sigilo ético, isto é, não serão divulgadas e nem publicadas, garantido a privacidade de todos os dados que nos forem confiados.

Queremos convidar vocês, professoras do 1º e 5º ano da escola pesquisada a participarem deste estudo e, para tanto, necessitamos que se manifeste através do preenchimento deste formulário e da entrega do mesmo para que a coleta de dados possa ser realizada.

**Concordo em participar.**

**Não concordo em participar.**

---

Assinatura da professora da escola

---

Assinatura da pesquisadora  
Carolina Foragi – fone:

---

Assinatura da professora orientadora do TCC  
Roseli Inês Hickmann – fone:

Porto Alegre, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO/PAIS

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Temática: ***Por que ir à escola? Compreendendo a escola na contemporaneidade.***

Pesquisadora: Carolina Foragi

Professora Orientadora: Roseli Inês Hickmann

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender qual o significado e a importância da escola nos dias atuais para os alunos e suas famílias, bem como para as professoras que nela atuam.

Para isso, desejamos realizar no ambiente escolar uma coleta de informações através de conversas acompanhadas de gravações de voz e de registro escrito, questionários e de produções textuais diversas, dependendo do grupo de sujeitos participantes (se alunos, familiares ou professoras).

Gostaríamos de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas sob sigilo ético, isto é, não serão divulgadas e nem publicadas, garantido a privacidade de todos os dados que nos forem confidenciais.

Você está convidado a participar deste estudo, assim como seu filho ou filha e, para tanto, necessitamos que se manifeste através do preenchimento deste formulário e da entrega do mesmo para que a coleta de dados possa ser realizada.

- ( ) **Concordo em participar (pai ou mãe ou responsável).**  
( ) **Não concordo em participar (pai ou mãe ou responsável).**  
( ) **Concordo que meu filho ou filha \_\_\_\_\_ participe da pesquisa.**  
( ) **Não concordo que meu filho ou filha \_\_\_\_\_ participe da pesquisa.**

---

Assinatura do pai ou mãe ou responsável

---

Assinatura da pesquisadora

Carolina Foragi – fone:

---

Assinatura da professora orientadora do TCC

Roseli Inês Hickmann – fone:

Porto Alegre, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_